



A presidente da associação, Marlene Leal, mostra parte do volume de peças encahadas

o de 500 famílias da Estrutural

"A vida ficou mais difícil"

A artesã Wenia Anelita Jesus Rocha, 43 anos, aprendeu o ofício de artesã na associação. Ela veio de Gameleira, grotão do Piauí, para Brasília, com 17 anos, se estabelecendo na Estrutural, onde criou três filhos e, agora, ajuda no sustento de um dos três netos. Há três anos, sua principal fonte de renda, passou a ser garantida pela associação. Cristiana Rodrigues, 35 anos, também sobrevive com as poucas encomendas que chegam ao seu pequeno atelier de costura, em casa. Mãe de uma menina de três anos, ela torce pelo retorno ao trabalho na associação. "Aqui eu vinha produzindo mais e, conseqüentemente, ganhando melhor. Esse dinheiro faz muita falta lá em

casa", confessa.

Hoje, com renda familiar mensal inferior a R\$ 1 mil, Wenia lamenta que todos em sua casa sobrevivem "de bicos, aos trancos e barrancos". "A vida ficou muito mais difícil desde dezembro. Moro com dois filhos e um neto de 4 anos. Parte o coração toda essa carestia, ainda mais sem contar com o trabalho da associação, o único lugar onde fui acolhida com respeito e dignidade", diz.

Com renda per capita de R\$ 485,97, valor similar à de países como Zimbábue, Zâmbia e República do Iêmen, a Estrutural figura entre as 15 regiões administrativas de Brasília que concentram as menores rendas familiares. A auxiliar de

costura Marcilene Pereira da Silva, 38 anos, garante a sobrevivência da família com um pequeno comércio que funciona na própria casa, segundo ela, "que mal dá para pagar os boletos do mês" Assim como Wenia, Marcilene não concluiu o ensino fundamental e encontrou na Mãos que Cria a grande oportunidade de dominar um ofício e aumentar o rendimento da família. "Já sabia costurar, mas aqui estou me aperfeiçoando, aprendendo coisas que jamais imaginei", diz.

Como os custos de manutenção das máquinas de costura da associação são elevados, a entidade encontrou na parceira Leiliane Barbosa de Jesus, 37 anos, a saída para economizar nesse quesito. Além de costureira e capacitadora, ela é conhecida como

"a mecânica da associação". Há mais de seis anos, Leiliane mantém as máquinas "azeitadas" para que as colegas possam alinhavar seus sonhos. Ela é mais uma que está tentando sobreviver com as poucas encomendas que recebe em sua própria casa. "Muitas meninas que vieram parar aqui nem sabiam para onde ir. Agora podem se orgulhar de dominar um ofício e ganhar um dinheiro extra", afirma.

Atenção

Para a dirigente da Mãos que Cria, entidades da sociedade civil deveriam lançar um olhar mais atento à organizações não governamentais que promovem capacitação e geração de renda, sobretudo para pessoas carentes. "Essas entidades poderiam nos ajudar muito, garantindo recursos para que possamos formar mão de obra e produzir mais e melhor, unir o artesanato com o mercado exige", avalia Marlene Leal.

Contato:
3465-5764
98463-3622